

Decolonialidade como prática de resistência e esperança

OLIVEIRA, Grassinete Carioca de Albuquerque; QUEIROZ, Amilton José Freire de; AGUIAR, André Effgen de (orgs.). *Decolonialidade como prática de resistência e esperança no ensino-aprendizagem de línguas-literaturas-linguagens*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 371p. ISBN: 978-65-265-1767-3

RESENHA

Júlio Araújo 

Universidade Federal do Ceará

Em um mundo onde os ventos da colonialidade ainda sussurram narrativas hegemônicas, o livro *Decolonialidade como prática de resistência e esperança no ensino-aprendizagem de línguas-literaturas-linguagens* surge como uma tempestade epistemológica, desestabilizando estruturas fossilizadas e semeando possibilidades de re-existência. Organizado por Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira (UFAC), Amilton José Freire de Queiroz (UFAC) e André Effgen de Aguiar (IFES), a obra dialoga com aqueles que transitam pelos territórios da educação, das línguas, da literatura e das lutas emancipatórias. Seu público-alvo inclui docentes, pesquisadores, estudantes e ativistas que buscam construir espaços educacionais mais justos e plurais.

Os organizadores são pesquisadores com trajetórias acadêmicas consolidadas no campo da educação e linguística aplicada e, juntos, organizam uma obra que não apenas reflete teoricamente sobre a decolonialidade, mas a implementa em sua estrutura e conteúdo. A obra constitui-se como um farol para aqueles que desejam

escapar das armadilhas do pensamento colonial, oferecendo caminhos para um ensino mais libertador e dialógico. Organizado em quatro seções, cada uma delas nomeada a partir de ventos característicos de diferentes regiões do mundo, o livro sugere uma dinâmica de movimentação e transformação. Cada seção abriga capítulos que se debruçam sobre diferentes facetas da decolonialidade no ensino-aprendizagem de línguas, literaturas e linguagens.

Na primeira seção, “Ventos Alísios”, discutem-se as linguagens da re-existência e a possibilidade de um ensino-aprendizagem que rompe com paradigmas eurocêntricos. Esses ventos tropicais, constantes e úmidos, simbolizam a resistência persistente e a renovação contínua do pensamento crítico. O capítulo inaugural, “As linguagens de Re-existência pelas literaturas”, de Grassinete C. de Albuquerque Oliveira, Amilton José Freire de Queiroz e André Effgen de Aguiar, propõe fissuras nos sistemas hegemônicos e reafirma a necessidade de “gritar por dignidade, vida e resistência” (Oliveira, Queiroz, Aguiar, 2025, p.17). Outros capítulos, como “Currículo desencapsulado” de Patrícia Cintra e Fernanda Coelho Liberali, questionam as estruturas de poder nos materiais didáticos.

A segunda seção, “Vento Minuano”, problematiza as literaturas e suas conexões decoloniais, evidenciando como a literatura feminina, *queer* e indígena podem desafiar a colonialidade do saber. O Minuano, um vento frio e cortante que sopra do sul da América, representa a ruptura e a necessidade de uma nova conscientização. Em “Censura, obscenidade e lesbiandade em Radclyffe Hall e Virginia Woolf”, Victor Santiago e Yngride Fernanda Moura da Silva abordam como as convenções normativas do Ocidente tentaram silenciar vozes dissidentes. No capítulo “Nas trilhas das esperanças, memórias e humanidades”, Angela Glaucia da Silva, Francisco Barbosa de Oliveira Neto e Francisca do Nascimento Pereira Filha exploram a força da literatura indígena como forma de resistência, destacando as obras de Graça Graúna e Márcia Kambeba.

A terceira seção, “Vento Puelche”, volta-se à inclusão e à decolonialidade, abordando a importância de perspectivas sensíveis no ensino de línguas e literaturas para surdos e outros grupos marginalizados. O *Puelche*, vindo do Atlântico e chocado com os ventos do Pacífico, simboliza os confrontos e diálogos necessários para transformar a educação. É neste sentido que Elias

Paulino da Cunha Júnior, em “Prática de ensino literário para surdos”, destaca a relevância da transdisciplinaridade para garantir um ensino acessível e justo. Na mesma perspectiva, Ricardo Ferreira Santos analisa a “Tradução artístico-poética da língua portuguesa para a Libras”, enfatizando os desafios semiótico-ideológicos desse processo.

Finalmente, “Vento Siroco” problematiza o letramento decolonial, com discussões sobre a formação docente antirracista, territórios translíngues e a desconstrução do pensamento hegemônico na produção do conhecimento. O Siroco, vento quente e seco do Saara, é visto como um elemento perturbador e transformador, desafiando as estruturas estabelecidas. Bruna Carolini Barbosa, em “Letramento do professor antirracista”, desafia as estruturas raciais do ensino de línguas, enquanto Henrique Rodrigues Leroy explora “Antropologia das linguagens e territórios translíngues”, reafirmando a pluralidade linguística como uma ferramenta de re-existência.

Essa abordagem ressoa com as críticas de Oyèrónké Oyěwùmí à universalização de categorias ocidentais, como a de gênero, que não necessariamente se aplicam às sociedades africanas (Oyěwùmí, 1997). Além disso, alinha-se às reflexões de Ailton Krenak, que desafia as noções ocidentais de progresso e utilitarismo, propondo uma reconexão com saberes ancestrais e uma crítica ao modelo civilizatório dominante (Krenak, 2020).

Assim como o Siroco, vento quente e seco que se origina no deserto do Saara e atravessa continentes, conectando África e Europa, as reflexões de Oyèrónké Oyěwùmí e Ailton Krenak convergem para desestabilizar as estruturas coloniais impostas às suas culturas. Oyěwùmí critica a imposição de categorias ocidentais, como a de gênero, às sociedades africanas, enquanto Krenak desafia as noções ocidentais de progresso, propondo uma reconexão com saberes ancestrais indígenas. Essas perspectivas, alinhadas às discussões presentes na seção “Vento Siroco”, convidam educadores e pesquisadores a repensarem práticas pedagógicas, incorporando abordagens decoloniais que promovam a pluralidade de vozes e saberes no ensino de línguas, literaturas e linguagens. Ambos, como o Siroco, carregam a força transformadora que atravessa fronteiras, promovendo uma renovação epistemológica que une continentes e povos na busca por uma decolonialidade efetiva.

Entre os muitos méritos da obra, destaca-se a capacidade de articular teoria e prática sem cair em simplismos ou abstrações excessivas. Os capítulos que abordam a colonialidade da linguagem e suas implicações para o ensino de línguas e literaturas são particularmente valiosos, pois revelam como a linguagem é um dos principais instrumentos de opressão colonial. O conceito de *lócus enunciativo*, trabalhado em vários capítulos, emerge como uma ferramenta essencial para a reflexão e a prática docente, ao enfatizar a importância da posicionalidade na produção de conhecimento.

A força argumentativa do livro pode ser exemplificada pela seguinte citação: “Os ventos da colonialidade ainda sopram forte, mas são nos interstícios das fissuras coloniais que se abrem as possibilidades de novas epistemologias” (Oliveira; Queiroz; Aguiar, 2025, p.45). Aqui, percebe-se o compromisso da obra em evidenciar como as brechas nos discursos hegemônicos possibilitam reconfigurações do saber. Outra passagem significativa encontra-se na seção sobre letramentos decoloniais: “A educação que não se propõe a questionar suas próprias bases coloniais está fadada a perpetuar as desigualdades que diz combater” (Barbosa, 2025, p. 312). Essa afirmação ressoa com a proposta central do livro, demonstrando que o ensino-aprendizagem de línguas, literaturas e linguagens precisa ser mais do que um espaço de reprodução de conhecimentos eurocentrados – deve tornar-se um campo fértil para a insurgência epistêmica.

Apesar de sua inegável relevância teórica e da riqueza de suas reflexões, o livro poderia aprofundar ainda mais a dimensão prática das propostas apresentadas. Embora os capítulos sejam inspiradores e tragam reflexões fundamentais sobre decolonialidade, em alguns momentos, a ausência de exemplos mais detalhados e aplicáveis no cotidiano escolar pode tornar difícil a transposição das ideias para a realidade concreta dos educadores. Uma maior atenção à operacionalização dos conceitos discutidos poderia fortalecer a aplicabilidade da obra no campo pedagógico.

Não obstante isso, recomendo veementemente esta obra a todos aqueles que desejam compreender e praticar a decolonialidade no ensino-aprendizagem de línguas, literaturas e linguagens. Trata-se de um livro essencial para professores, pesquisadores e ativistas que buscam questionar as estruturas coloniais do conhecimento e construir espaços educativos mais inclusivos e




pluriversais. Como uma ventania que dispersa as poeiras do pensamento hegemônico, esta obra é uma convocação à ação, à reflexão e à resistência.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *The invention of women: making an african sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

Decolonialidade como prática de resistência e esperança no ensino-aprendizagem de línguas-literaturas-linguagens

Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira 
Amilton José Freire de Queiroz 
André Effgen de Aguiar 
(orgs.)



OLIVEIRA, Grassinete Carioca de Albuquerque; QUEIROZ, Amilton José Freire de; AGUIAR, André Effgen de (orgs.). *Decolonialidade como prática de resistência e esperança no ensino-aprendizagem de línguas-literaturas-linguagens*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 371p. ISBN: 978-65-265-1767-3

<https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/decolonialidade-como-pratica-de-resistencia-e-esperanca-no-ensinoaprendizagem-de-linguas-literaturas-linguagens/>

SUBMETIDO: 9 de maio de 2025 | **ACEITO:** 10 de junho de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025
© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
